

UMA ADAPTAÇÃO DA OBRA-PRIMA DE
MARK TWAIN

TOM SAWYER

ILUSTRAÇÕES DE DOMENICO RUSSO



ÍNDICE

CAPÍTULO 1
A TIA POLLY
P. 5

CAPÍTULO 2
HUCKLEBERRY
FINN
P. 15

CAPÍTULO 3
UMA NOITE NO
CEMITÉRIO

P. 25

CAPÍTULO 4
A ILHA
JACKSON

P. 37

CAPÍTULO 5
O TESOURO

P. 49





CAPÍTULO 1

A TIA POLLY

— Tom! Toooooom! Para onde é que foi o miúdo?

Tom! — A tia Polly ajeitou os óculos no nariz e começou a procurar debaixo da cama. O Tom, o seu sobrinho travesso, não estava em lugar algum.

A velha senhora olhou para o jardim pela janela, na esperança de o ver entre os tomateiros, mas não viu. Então, pelo canto do olho, apercebeu-se de um movimento ao seu lado e conseguiu agarrá-lo pelo casaco quando ele se esgueirava por trás dela.

— Aqui estás tu, enfiado no armário! O que andas a tramar? — A tia Polly reparou na boca e nas mãos sujas do rapaz. — Quantas vezes já te disse para não roubares compota, seu malandroco! — ralhou ela, mas o Tom já lhe tinha escapado das mãos.

A tia Polly não sabia o que fazer com aquele rapazinho. Ele estava mais malandro do que nunca, mas ela jamais desistiria dele. Ele era filho da sua falecida irmã!

Enquanto a tia Polly pensava nisto, o Tom já estava longe, mas não rumo à escola — seguia em direção ao rio. As aulas dessa tarde já tinham sido esquecidas quando o calor o levou a banhar-se nas serenas águas escuras. Mais tarde, ao jantar, a tia Polly fez de tudo para que ele confessasse ter faltado à escola. No entanto, apesar de estar nervoso, o Tom manteve a sua mentira.

Quando pensava que tinha vencido a batalha, o seu meio-irmão Sid traiu-o e o Tom foi obrigado a fugir para o exterior, perseguido pela tia, que gritava, jurando vingança por ter sido enganada.

Caminhando descalço pela rua, o Tom aproveitou para praticar, com entusiasmo, um novo assobio que acabara de aprender e que lhe permitia imitar um pássaro na perfeição. Ele adorava cerrar os lábios e reproduzir os sons da natureza!



Mas, de repente, tropeçou num rapaz que não conhecia. Estava elegantemente vestido, como as crianças da cidade; até usava gravata, chapéu e sapatos! E nem sequer era dia de festa. O Tom antipatizou com o rapaz e meteu-se à frente dele.

— Ó menino da cidade, deixa-me passar!

— Porque é que eu havia de te dar passagem?! — respondeu o rapaz com ar de gozo.

— Se não te afastares, vais arrepender-te a valer! — ameaçou o Tom.

— A sério? Então mostra-me, se és assim tão esperto!

Um momento depois, os dois rolavam pelo caminho no meio do pó, puxando cabelos e tentando pontapear-se. O Tom levou a melhor e pôs o outro em fuga, mas não sem receber alguns golpes certos.



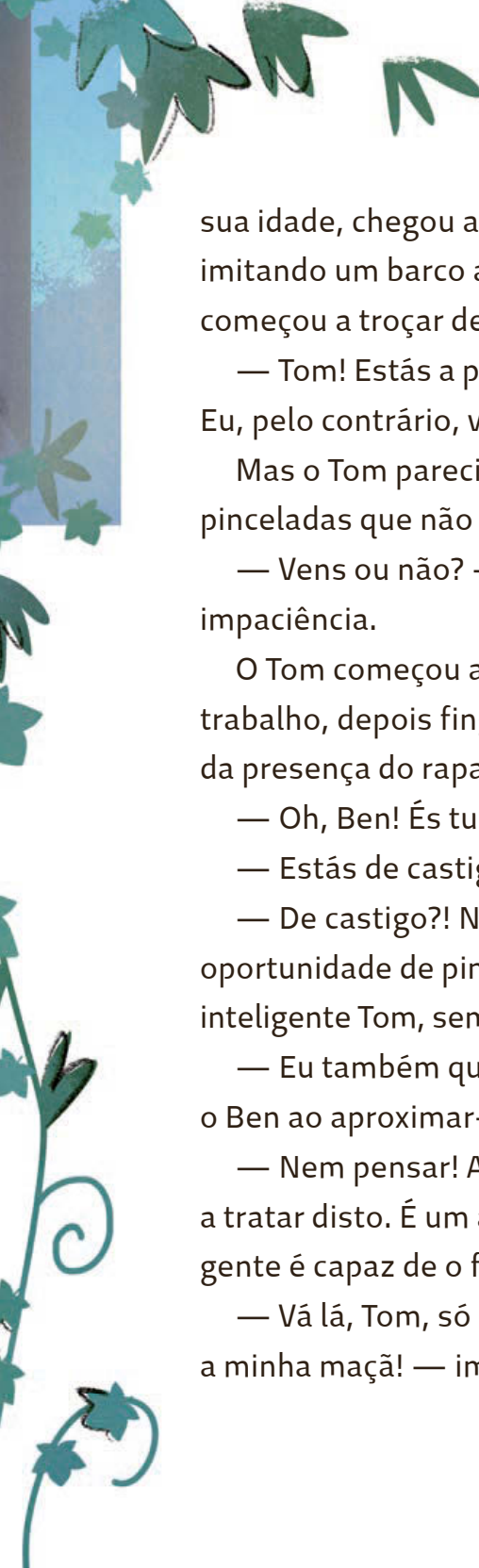


Quando chegou a casa, trepou o muro para se esgueirar para o seu quarto. A tia Polly, porém, estava à espreita; quando viu a sua cara e o estado das suas roupas, pô-lo logo de castigo. O dia seguinte, um sábado, não seria dia de descanso para o Tom, mas sim um dia de trabalho duro!

Assim, lá estava o Tom na manhã seguinte, a olhar para a longa vedação que rodeava a propriedade, com um pesado balde de cal na mão. Esperava-se que ele cobrisse todas as tábuas. Ele sabia que seria um trabalho longo e cansativo!

De repente, surgiu-lhe uma ideia maravilhosa.

Ouviu o passo rápido de uma criança que se aproximava e começou a pintar com grande concentração. O Ben Rogers, um rapaz da



sua idade, chegou a comer uma maçã e a saltitar, imitando um barco a vapor. Assim que viu o Tom, começou a troçar dele.

— Tom! Estás a passar um dia tão bom a trabalhar! Eu, pelo contrário, vou ao rio dar um mergulho!

Mas o Tom parecia tão encantado com as suas pinceladas que não respondeu.

— Vens ou não? — perguntou o Ben com impaciência.

O Tom começou a observar atentamente o seu trabalho, depois fingiu que só então se apercebeu da presença do rapaz.

— Oh, Ben! És tu, não te ouvi — mentiu o Tom.

— Estás de castigo, não é? — gozou o Ben.

— De castigo?! Não é todos os dias que se tem a oportunidade de pintar uma vedação! — respondeu o inteligente Tom, sem tirar os olhos da sua obra-prima.

— Eu também quero experimentar! — exclamou o Ben ao aproximar-se.

— Nem pensar! A tia Polly quer que eu seja o único a tratar disto. É um assunto muito sério e nem toda a gente é capaz de o fazer!

— Vá lá, Tom, só um bocadinho! Olha, eu dou-te a minha maçã! — implorou o Ben.



Cinco minutos depois, o Tom estava sentado à sombra a mastigar a maçã, enquanto o Ben trabalhava no seu lugar. Nesse dia, graças à sua esperteza, a vedação foi pintada com três demãos de cal por todas as crianças da vizinhança; em troca, o Tom recebeu uma trela de cão — mas sem o cão —, doze berlindes, um soldadinho de chumbo, uma maçaneta, um pedaço de vidro azul, um carretel e outras bugigangas.

A tia Polly estava a dormitar num quarto das traseiras da casa quando o Tom a acordou.



— Então, quanto é que já pintaste? —
perguntou ela, cautelosamente.

— Está tudo pintado, tia! — disse o Tom,
triunfante.

Incrédula, a mulher foi verificar e ficou espantada;
a cerca tinha sido perfeitamente caiada!

— Vês, Tom, como és bom quando fazes as
coisas com vontade? É pena que isso aconteça tão
raramente — comentou a tia, acompanhando-o
à despensa, onde lhe deu uma maçã. — Agora podes
ir brincar lá para fora, mas porta-te bem!



O Tom é um miúdo muito inteligente,
mas também muito traquinas!
É capaz de inventar partidas incríveis
e planos complicados para evitar
os castigos da tia Polly e passar
os dias no rio Mississippi com
o seu amigo Huck. A sua próxima
brincadeira fantástica está sempre
ao virar da esquina!

Um dos clássicos mais acarinhados
do mundo é reinterpretado nas
páginas deste livro, perfeito para os
pequenos leitores que procuram
uma aventura intemporal!



Penguin
Random House
Grupo Editorial

Leitura Infantil

 penguinlivros.pt
  [penguinkidspt](https://www.instagram.com/penguinkidspt)

8+

ISBN: 978-989-583-211-8



9 789895 832118